

FERNAND DELIGNY, IMAGEAR O COMUM^{1NT}

Anne Querrien², Tradução e notas: Eder Amaral e Silva³

Resumo: As tentativas de Deligny, de Cévennes à Grande Cordée, de Armentières à La Borde mostram que o estar-juntos não é o resultado de uma negociação, de um objetivo a ser perseguido, em relação ao qual sempre encontraremos o outro em falta – e nas últimas escolhas de Deligny, numa falta radical – mas de um estar-aí que organizamos, que constituímos como hipótese de todas as pequenas ferramentas que nos damos para implementá-lo. Neste ensaio-homenagem, publicado originalmente dez anos após o falecimento de Fernand Deligny, a socióloga e urbanista francesa Anne Querrien realiza um retrato situado da experiência comunitária das tentativas e do espaço vivido na rede entre crianças autistas e presenças próximas. Para Querrien, as tentativas consistem em artifícios de fabricar imagens do comum. Através de cenas do cotidiano da rede e de um uso encarnado do vocabulário deligniano, a autora traça os pontos luminosos da constelação que orienta as errâncias de uma vida comum em pesquisa.

Palavras-chave: Fernand Deligny; imagem; comum; rede; costumeiro.

-
- ¹ NT [Título original: “Fernand Deligny, imager le commun”. Publicado originalmente em *Multitudes*, n. 24 (1), pp. 167-174. Disponível em: <<https://www.multitudes.net/fernand-deligny-imager-le-commun/>>. Em português, a tradução do título envolve o uso de um verbo raro: *imagear*, que significa “obter ou capturar imagem por meio de equipamento imageador, como instrumentos ópticos, câmeras fotográficas, aparelhos de diagnóstico (radiografia, ressonância magnética, tomografia computadorizada etc.), *scanners*, duplicadores de documentos etc.” (cf. *Dicionário Aulete Digital*, online), o que o distingue da forma subjetiva da imaginação. Enquanto “imaginar” remete a uma potência especulativa e íntima, o *imagear* implica uma produção de imagens em agenciamento com objetos, aparelhos ou máquinas, mas também a dimensão coletiva e exterior da fabricação de imagens – o que condiz inteiramente com o teor do ensaio de Querrien. Todas as notas de tradução serão assinaladas pela sigla NT e aparecerão no rodapé entre colchetes].
 - ² Socióloga e urbanista francesa, nascida em 1945. Participou da FGERI (Federação de Grupos de Estudos e Pesquisas Institucionais), presidida por Félix Guattari. Ao lado de Guattari e de outros pesquisadores, militantes e artistas, fundou em 1967 o CERFI (Centro de Estudos, de Pesquisas e de Formação Institucionais), onde colaborou para a criação da revista *Recherches* (1966-1982). Trabalhou na genealogia dos equipamentos coletivos, em particular a da escola. A partir de 1985, dirigiu a revista *Les Annales de la Recherche Urbaine*. Hoje é co-diretora da *Multitudes* e membro do coletivo de redação de *Chimères*, *Revue des Schizoanalyses*. E-mail: <querrien.anne@wanadoo.fr>.
 - ³ Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Vitória da Conquista-BA, vinculado aos cursos de Cinema e Audiovisual e de Psicologia. Professor Permanente da Área de Psicologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), Campus Vitória da Conquista-BA. Psicólogo clínico e tradutor nas áreas de artes e humanidades. E-mail: <ederamaral@uesb.edu.br>.

-- ARTIGO RECEBIDO EM 16/11/2025. ACEITO EM 10/12/2025. --

FERNAND DELIGNY, IMAGING THE COMMON

Abstract: Deligny's attempts, from Cévennes to Grande Cordée, from Armentières to La Borde, show that being together is not the result of negotiation, of a goal to be pursued, in relation to which we will always find the other lacking – and in Deligny's final choices, a radical lack – but of a being-there that we organise, that we constitute as a hypothesis of all the small tools we give ourselves to implement it. In this tribute essay, originally published ten years after Fernand Deligny's death, French sociologist and urban planner Anne Querrien paints a situated portrait of the community experience of attempts and lived space in the network between autistic children and those close to them. For Querrien, attempts consist of tricks for fabricating images of the common. Through scenes from the daily life of the network and an embodied use of Delignian vocabulary, the author traces the bright spots of the constellation that guides the wanderings of a common life in research.

Keywords: Fernand Deligny; image; common; network; customary.

Janmari, Yves, a “semente de crápula”, os “vagabundos eficazes”: as crianças “difíceis” com as quais Fernand Deligny conviveu foram para ele inumeráveis balizas^{4NT} da amplitude do problema do comum. Fabricar o comum não é um problema que se solucione na linguagem, na obediência às palavras de ordem, na imitação dos líderes. Entre aqueles que não dizem não, há os pequenos e os maiores, que agem outramente, que andam em círculos, que interpretam a lei ao contrário ou que percorrem o terreno seguindo os seus próprios caminhos. Em geral, eles se deixam apanhar e, assim como antes, são novamente encarcerados. O social é fabricado na economia, na norma, não tem nada em comum com o comum, com o acolhimento de todos e de cada um. O social separa o joio do trigo, o social seleciona, se merece. E fabrica os restos, “a escória” no sentido etimológico da palavra; para Deligny, esses restos são achados, o aparecimento do outro, o que importa numa vida.

Ele esfrega até furar a panela

Janmari não tem repulsa por lavar a louça. Ele esfrega uma panela, quer remover até o mínimo resíduo. Ele esfrega, ele esfrega, ele esfrega com uma colher, como o escultor que trabalha sua pedra e a trespassa. O educador dirá: definitivamente não se pode confiar nada a ele – e irá afastá-lo da louça e, esquecendo que o afastou, dirá algum tempo depois: definitivamente, Janmari não quer ajudar, ele é insuportável. Aliás, uma criança que fura as panelas por esfregá-las com tamanha obstinação é mesmo insuportável. Afinal, o que é uma criança – ou um adulto – que não coloca os limites nos mesmos lugares que os outros?

4 NT [No original, *poteaux indicateurs* (literalmente, postes de sinalização). Optamos por “balizas”, que preserva o sentido de referência espacial e de orientação do movimento].

Ele sente e faz

Janmari é um caçador de nascentes^{5NT}, ele sente a água que corre, invisível, sob a superfície das coisas. Ele está em relação com essa água e a arranca da terra quando está prestes a minar. Ele é um caçador de águas. Ele não sabe dizer como faz isso mas, de qualquer forma, a pesquisa metódica e científica de recursos hídricos não precisa mais de pessoas como ele. Ele não sabe e não diz, ele sente e faz. Visível, a água corre para todos, comum. Pequena fonte sem grande futuro e sem possibilidade de exploração comercial, sem dúvida. Fonte propícia a nos refrescarmos juntos hoje.

Os trajetos de uns são atentos aos outros

Como construir o comum quando não se pode falar sobre isso, quando não se pode projetá-lo, quando o outro não possui disposição para realizá-lo, como fazê-lo estando apenas próximo, atento? Será mesmo certo que não há escravidão ou domesticação possível, não há estabelecimento de ordem possível, não há cooperação possível sem linguagem? Em todo caso, uma cooperação se organiza: as pessoas que estão com Deligny se comprometeram a viver na presença próxima de Janmari e das outras crianças enviadas à rede. Seus movimentos, seus deslocamentos no tempo e no espaço muitas vezes incomodam, mas não proibiremos que os façam, vamos cartografá-los e sobrepor suas imagens àquelas dos caminhos seguidos pelos adultos. Vamos observar e só depois analisar. O espaço dos mapas no qual se inscrevem os percursos da vida cotidiana configura um espaço comum onde os trajetos não são indiferentes à presença dos outros, formando um limite visual para as idas e vindas das crianças que até então os adultos não percebiam, um limite centrado no espaço de convivência.

Um lugar de vida em pesquisa

Na rede, Janmari não é um excesso, como no hospital onde estava internado antes de sua mãe o confiar a Deligny. Aliás, lá ele também não era um excesso, pois contribuía para criar empregos para o pessoal hospitalar, para a economia de serviços. Mas ele estava reduzido à imobilidade, desumanizado. Em Cévennes, ele traça, participa de um mundo aberto onde suas perturbações não são contidas nem neutralizadas, mas acompanhadas como tudo mais que se passe e que possa induzir outras significações. Janmari participa de um lugar de vida em pesquisa, a qual consiste em investigar o que é viver em comum quando não é mais preciso que nos suportemos uns aos outros^{6NT}. Hoje, acrescentaríamos: porque não somos todos iguais – uma vez que as reivindicações pelas semelhanças e homogeneidades deu um grande salto à frente. Mas na época em que conheci Deligny, no início dos

5 ^{NT} [No original, *sourcier*, que em francês se refere ao “vedor”, isto é, aquele que pesquisa nascentes d’água. No Brasil, também são popularmente conhecidos como caçadores de nascentes].

6 ^{NT} [Aqui, o uso da forma reflexiva – *quand on ne se supporte pas les uns et les autres* – remete ao duplo sentido do verbo suportar: aguentar/tolerar, mas também apoiar/amparar].

anos 1970, o que mais nos dava dores de cabeça era a ausência de uma linguagem para alinhar os problemas, para resolver os conflitos, para fabricar consenso apesar das diferenças. Problemas colocados aos outros membros da rede pelos gestos de Janmari, pelo fato de que ele girava em círculos e ladrava sem que se soubesse o motivo, de que não se podia falar com ele, de que não se podia pedir nada a ele, de que ele não entendia, de que ele não parava quieto, de que não havia comunicação. Querer reformar as coisas arrastando o outro à nossa imagem é uma causa perdida; o que importava é que, permanentemente, tentássemos nos dar os meios para poder continuar com ele. Ele era a baliza do espaço comum.

Artifícios motores

Os mapas, assim como as imagens cinematográficas de alguns filmes rodados por ou com Deligny não são representações, mas artifícios motores, máquinas para dar o que pensar ao grupo que vive em presença próxima, como em todos os grupos que se ocupam de experiências de criação continuada de uma vida comum. Deligny se impõe condições extremas para pensar o estar-juntos. Mas, ao fazê-lo, ele afirma que esse estar-juntos só pode ser construído e reproduzido no cotidiano se nos dotarmos de instrumentos de avaliação no dia a dia e de hipóteses de montagem. A hierarquia, o ordenamento de todos de acordo com a idade, o dinheiro ou o mérito são artifícios motores poderosos, mas dispõem tão somente de uma mobilidade linear, a ascensão como mola propulsora. Ela não deixa espaço para a abordagem sensório-motora do mundo, para as mobilidades circulares e turbulentas, a não ser que estejam sujeitas ao seu esforço de canalização. Mesmo que sejam muito eficazes, os vagabundos e os nômades sempre mantêm um certo poder de perturbação. É possível que a zona de pertinência dessa mobilidade linear ascendente um dia se esgote, que a base social de sua relevância se retraia e que, ao aspirar novos grupos populacionais, o movimento ascendente produza também novas escumalhas.

O espaço comum é o traço de um no outro

As tentativas de Deligny, de Cévennes à Grande Cordée, de Armentières à La Borde mostram que o estar-juntos não é o resultado de uma negociação, de um objetivo a ser perseguido, em relação ao qual sempre encontraremos o outro em falta – e nas últimas escolhas de Deligny, numa falta radical – mas de um estar-aí que organizamos, que constituímos como hipótese de todas as pequenas ferramentas que nos damos para implementá-lo. Nesse estar-aí, estar-juntos, não há nenhuma reciprocidade esperada do outro *a priori*, nenhuma condição. O ser-aí humano é uma incondicionalidade, sem pertencimento, mas capaz de aliança dentro da rede. O espaço é feito de redemoinhos para um e de tecnologias de visão para o outro, e o espaço comum é o traço de um no outro, a condição da acolhida de um pelo outro, da vida em comum, da constituição da rede. Sua sociedade não é transparente, nem para eles, nem aos outros; as visões e as práticas comuns são parciais, e habitam o seio desse nós em que a rede evolui.

Uma rede de ajuda na estrada de cada um

Como destaca Émile Copfermann no prefácio de *Os vagabundos eficazes*, trata-se de constituir “um meio cuja posição assumida possa intervir utilmente na história já traçada das crianças”. Nesse meio, a presença das crianças, com suas singularidades, é tão constitutiva quanto a dos educadores, a organização dos locais, sua posição geográfica, as relações com seu exterior, o imutável, os educadores. É a vida das crianças vai trazer ao educador os problemas com os quais animar a sua, cruzando seus próprios questionamentos. Que as crianças sejam delinquentes, temperamentais ou deficientes, pouco importa para Deligny, que se oferece para lhes proporcionar uma pausa em sua trajetória de vida, se aproveitando de uma parada – sem dúvida obrigatória – para recuperar forças. A rede de Deligny se inspira nos albergues da juventude, cujos animadores ele conhecia bem: é uma rede de ajuda na estrada de cada um.

Um ambiente de apoio que os informa

“O que é essa mania de ter sempre um grupo ao alcance da mão, como outros têm um breviário ou um transistor?”, pergunta Deligny sobre sua propensão a sempre reconstruir jangadas. É preciso multiplicar as chances de se safar, de encontrar linhas de errância, de circular ao longo das linhas que unem os pontos de ancoragem do grupo. As crianças ou os adultos precisam de uma coletividade, ou melhor, de um meio de apoio que os informe e inspire de maneira coerente e contínua. Eles precisam disso como qualquer um; para os outros, a família ou a empresa fornecem fragmentos disso. Mas esses detritos são armazenados sob um arsenal fortificado, no instituído, um instituído que, para essas crianças, está por ser construído, a partir de quase nada. Para elas, o instituído não é solene, é decadente; puni-las em seu nome não produz nada. Não pode haver uma chamada à ordem que supostamente lhes faltou; é preciso lhes permitir passar a uma ordem vivível, comum.

Se imaginar

Não se deve tentar fazê-los lembrar ou reproduzir mentalmente o passado, eles não dispõem de meios para isso, pois há um buraco nesse lugar que é a causa da sua singularidade. Prendê-los a isso não lhes permitirá nada. É preciso fazê-los se imaginar no presente e no futuro, se jogar na construção do espaço onde são acolhidos, onde sua partitura ainda não foi rechaçada, pois ainda está por ser composta. Cada criança à sua maneira, cada adulto buscando essa postura a conquistar na jangada, a partir dos grandes dados dimensionais que marcam a tentativa, segundo o termo que agrada a Deligny quando se trata de falar de uma experiência em curso.

Os gestos costumeiros situam o lugar

Essa tentativa se desenrola numa imagem local, numa cenografia original, a do costumeiro. Enquanto o signo diz respeito à intenção e ao acontecimento, as referências materiais ou gestuais estáveis, as rotinas, enquadram o humano comum, dando-lhe uma imagem situada. As palavras que trocamos numa conversa têm um valor ambíguo: significam ao mesmo tempo um acordo, uma similitude e uma diferença que fundam a necessidade das trocas para se chegar a um arranjo. A linguagem introduz entre os seres uma distância irreparável para alguns e cuja abolição para outros não passa de uma ilusão. Os gestos costumeiros declinam, estabelecem a identidade do lugar, traçam o cenário no qual a ação se torna possível para aqueles que se acreditavam excluídos de qualquer ação normal. Ao respeitar o costumeiro, ao agi-lo, o homem pode ser ao mesmo tempo homem, homem do dia a dia, e humano, aberto a todas as figuras possíveis do homem. O costumeiro é feito de algumas coisas e gestos nos quais se reconhece o humano. O *hs*, o *homem que nós somos*, como o chama Deligny, é inumano, rejeita o outro humano que se apresenta a ele, não está aberto ao todo do humano; ele está esgotado. O *hs* erradica o costumeiro, delimita o terreno, constrói um espaço fora do chão, geneticamente modificado, com desempenhos previsíveis e limitados. Mas o ser humano o transborda por todos os lados.

Silenciar não é calar-se

O ser humano aparece fora da linguagem, no costumeiro, nos usos, nas ações, no virtualmente comum relatado pela observação. Silenciar como Janmari não é calar-se, não é uma reação; é uma postura, uma atitude, um estilo de vida, um conjunto de gestos que mantêm a fala à distância^{7NT}. Janmari mantém-se alerta, à beira do acontecimento, está atento, mas ele não se implica, ele desaparece, provisoriamente, e volta incansavelmente ao costumeiro. Para Janmari, o lugar das coisas é muito importante, mais do que as próprias coisas. Ele se interessa por poucas delas, e o espaço de convívio que ele partilha com Deligny é bastante singelo. Ele acompanha a circulação dessas coisas, se inquieta com seus movimentos sem, no entanto, se apropriar delas. As coisas não lhe pertencem, elas circulam no grupo, e ele acompanha essa circulação com seu corpo. Janmari é um ser humano sem propriedade, a começar pela de si mesmo. Ele é circulação, movimento, sensação.

A casta é outra maneira de ser si

Enquanto Janmari experimenta o mundo à beira, descentrado em uma jangada-comum a todo um grupo, *O homem que nós somos* se reflete no centro do real. Ele prefere o símbolo que unifica excluindo, que centra o mundo à semelhança de si mesmo, à imagem que divide reunindo, sob o risco de dispersar o mundo e

7 NT [No original, *tiennent la parole forclos*, no sentido de prescrita, apartada. Optamos pela imagem da distância, em oposição à proximidade e presença do gestual].

de descentrá-lo. *O homem que nós somos* se afasta do humano do ser, do comum da espécie, que ele confunde com a única figura que ele conhece, que ele repete, que ele impõe. Ele abandona a curiosidade e condena as outras figuras do ser humano ao desaparecimento. O comum da espécie é não objetivado, é o exterior, a estranheza; em extensão, os trajetos a explorar são ilimitados. O território comum, pelo contrário, é circunscrito, defendido, submetido ao símbolo que o define, que designa aqueles que lhe pertencem, a casta que se reconhece nele. A casta é outra maneira de dizer si, si mesmo, o homem em ruptura com o ser humano, fora do comum.

O costumeiro é pavimentado por rigores incompreensíveis

O acaso não tem linguagem. Um acontecimento eclode, logo vem outro^{8NT}. Ele não sinaliza, não avisa. Os homens interpretam, comentam com uma ferramenta bem imperfeita. O que é o tempo? O tempo que faz ou o tempo que passa? Quantas palavras têm pelo menos dois sentidos comuns, criando poças de sentido nas quais se enfiam os vagabundos, os palhaços? A linguagem é ambígua. Quando uma autoridade passa por aí e impõe seu sentido único, isso é a deriva, a impertinência, talvez a violência. O costumeiro, os rituais, os hábitos são “pavimentados com rigores incompreensíveis”; é preciso fazê-lo porque é assim que se faz, mas sem interpretação, no nível do fazer e não do dizer, ou, se for para dizer, o sentido das palavras não importa, só importa a repetição dos sons. O costumeiro é partilhado, comum, fora da linguagem, gestos que mantêm o mesmo sentido, sejam eles feitos por nós ou não, independentemente do lugar que ocupamos nas relações sociais. *O homem que nós somos* tenta tampar os buracos no sentido das palavras com tudo o que está ao seu alcance. As configurações barrocas a que ele chega poderiam ter valor de criação, de deriva, se elas não se afirmassem como únicas, objetos de identidade e fatores de exclusão. *O homem que nós somos* quer se tranquilizar à custa de um distanciamento crescente do ser humano, de uma produção crescente de loucura, de pobreza, de delinquência. Quaisquer que sejam os métodos, uns mais científicos que outros, com os quais *O homem que nós somos* trata seus restos, sua limpeza os propaga.

O humano como potência de vida

O humano sempre foi domesticado pelo *homem que nós somos*, que organizou com constância seu desvio em relação ao animal com o qual se sentia semelhante. O humano do ser, o humano como espécie animal, como potência de vida, carrega, no entanto, o homem, suas realizações simbólicas, suas tentativas de unificação, as rupturas que ele introduziu. E esse humano, essa potência de vida é irredutível ao esforço pedagógico, à sua canalização em formas contidas; ela sempre o excede, de maneira mais ou menos direta, de maneira mais ou menos repreensível. O resto

8 ^{NT} [No original, *Un événement arrive, un autre*].

que as operações simbólicas do homem produzem pertence a esse substrato comum sobre o qual elas se produzem; é inerente a elas. É indispensável a elas, condição para a manutenção da diferença entre o humano e o mecânico, condição da potência do humano.

O educador oferece o imutável

Uma obra que trace esta diferença, que permita imagear^{9NT} do comum, é rara. O educador pensa sua mediação como parte da ordem, no trabalho de canalização das pulsões para o socialmente correto, ao mesmo tempo em que enfrenta diariamente seu transbordamento e que talvez seja atraído por essa perturbação. Mas o educador de quem Deligny faz o retrato oferece aos jovens o imutável de que eles precisam para reconstruir sua singularidade; a jangada oferece aos jovens em errância ou em dificuldade os fundamentos da vida cotidiana. Participam dela pessoas que decidiram viver em “presença próxima” desses jovens. A imutabilidade do lugar, da rede, dos marcos temporais e das práticas sustenta a capacidade de acolher as pessoas que passam, de apoiar as liberdades que se buscam.

A rede inventa o cotidiano

Deligny é uma prática contínua de escrita, de cinema, do projeto no sentido de problema: lançar à frente as coordenadas do que se faz para desdobrar o sentido, os sentidos, que desdobram a diversidade das crianças. Nenhuma é igual à outra e cada uma deve encontrar o seu caminho a partir do que lhe é oferecido e que irá variar com a chegada de amigos à jangada. A tentativa de Deligny não é uma instituição conforme a um modelo; ela é um agrupamento de pessoas em busca de um projeto baseado em uma rejeição comum das instituições de confinamento e das instituições hierárquicas, mas também dos tratamentos medicamentosos e de todas as medidas que consistem em transformar o sintoma vital das crianças em um erro temporário que pode ser rapidamente eliminado. A atitude educativa é considerada por esses desertores da normalidade como uma repetição da violência inicial que reproduz a violência da criança, ou sua estranheza. Da parte de Deligny, seu compromisso é total em participar da busca por meios de viver em presença próxima com as crianças. A rede inventa diariamente, e Deligny fala, dá sentido, fabrica as palavras que se tornarão as ferramentas dos outros. Com a morte de Deligny, a rede perdeu seu tecido^{10NT}. Como fazer?

9 ^{NT} [No original, *qui image le commun*. A difícil tradução dessa forma verbal por “que imagina o comum”, embora pareça razoável, escapa à estranheira proposital do verbo empregado por Querrien (cf. primeira nota)].

10 ^{NT} [No original, *le réseau n'a plus de paroleur*. A tradução literal (“a rede não tem mais falante”), embora precisa, destoa inteiramente da sutileza adotada por Querrien no francês, que joga com ambivalência e contradição de que Deligny fosse a um só tempo falante e porta-voz nas tentativas de viver com aqueles para quem o silêncio é um modo de ser. Assim, preferimos desviar do léxico e acompanhar a deriva visual das mãos que, escrevendo, tramaram as linhas da rede].

Referência

QUERRIEN, Anne. Fernand Deligny, imager le commun. **Multitudes**. Revue politique, artistique, philosophique. n. 24 (1), pp. 167-174. Disponível em: <https://www.multitudes.net/fernand-deligny-imager-le-commun/>. Acesso em: 15 dez. 2025.